



*Duas colegas são raptadas. Megan foge e, um ano depois, escreve um livro que se torna um sucesso. Mas há um detalhe inconveniente: Nicole continua desaparecida.*

# DEIXADA PARA TRÁS

CHARLIE DONLEA

*Autor do best-seller* **A GAROTA DO LAGO**

CHARLIE DONLEA

**DEIXADA  
PARA  
TRÁS**

*Tradução:* Carlos Szlak

 **FARO  
EDITORIAL**

**COPYRIGHT © 2017. THE GIRL WHO WAS TAKEN BY CHARLIE DONLEA.  
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH BOOKCASE LITERARY AGENCY AND  
KENSINGTON PUBLISHING.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2017**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer  
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **ANA UCHOA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa © **STEPHEN CARROLL | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Donlea, Charlie

Deixada para trás / Charlie Donlea ; tradução  
Carlos Szlak. — 1ª ed. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2017.

Título original: The girl who was taken.

ISBN 978-85-9581-008-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-ameri-  
cana) I. Título.

17-08242

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2017

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

# O sequestro

*Emerson Bay,  
Carolina do Norte  
20 de agosto de 2016  
23h22*

---

## **A ESCURIDÃO SEMPRE FEZ PARTE DA VIDA DE NICOLE CUTTY.**

Nicole a procurou e flertou com ela. Sua curiosidade a levou ao encantamento pela escuridão do jeito mais estranho. Ultimamente, de forma doentia, ela se sentia convencida das alegrias de sua companhia. Preferia o negrume da morte à luz da existência. Até esta noite. Até se colocar diante de um abismo que estava morto e vazio de uma maneira nunca vista, como um céu noturno sem estrelas. Ao se ver diante desse abismo entre a vida e a morte, Nicole escolheu a vida. E correu feito louca.

Ela saiu pela porta da frente, e a noite densa não permitiu a Nicole enxergar nada. Sabendo que ele estava a poucos metros de distância, a adrenalina a fez se mover na direção errada por alguns instantes. Então, sua visão se ajustou à fraca luminosidade da lua. Quando localizou seu carro, Nicole se reorientou e correu até ele. Tateando, achou a maçaneta e conseguiu abrir a porta. A chave estava no contato. Nicole deu a partida, acionou o câmbio automático e pisou no acelerador com tanta força que seu automóvel quase bateu na lateral do veículo parado na frente. Os faróis iluminaram a noite escura, e, com o canto do olho, ela vislumbrou um lampejo da cor da camisa dele quando ele apareceu perto do capô do outro carro. Instintivamente, Nicole jogou o carro em sua direção. Sentiu o baque do impacto e o tremendo balanço da suspensão do veículo quando as rodas absorveram as irregularidades do corpo. Finalmente, o carro recuperou a tração no trecho de cascalho. Contendo a respiração,

Nicole tornou a pisar fundo no acelerador, deu meia-volta e deixou tudo para trás, percorrendo a estrada estreita em alta velocidade.

Nicole entrou derrapando na estrada principal. Ao corrigir a derrapagem com movimentos precisos do volante, sentiu o corpo se inclinar no assento do motorista, ignorando o velocímetro, que indicava uma velocidade superior a cento e vinte e cinco quilômetros por hora. Ela flexionou o braço no lugar onde ele a agarrara, com um hematoma roxo já em formação, enquanto desviava os olhos do para-brisa para o espelho retrovisor. Percorreu cerca de três quilômetros antes de aliviar o motor de quatro cilindros e aquietar seu lamento. Estar livre não lhe trouxe nenhum alívio. Muita coisa acontecera para que pudesse acreditar que a fuga seria capaz de fazer os problemas dessa noite desaparecerem. Nicole precisava de ajuda.

Depois de pegar a estrada de acesso que levava de volta para a praia à beira do lago, Nicole enumerou as pessoas para quem não podia fazer perguntas. Seu cérebro funcionava daquele jeito, na negativa. Antes de decidir quem poderia ajudá-la, mentalmente excluiu aqueles que iriam lhe causar dissabores. Seus pais estavam no topo da lista. A polícia, num segundo lugar bastante próximo. Suas amigas eram possibilidades, mas eram frágeis e histéricas, e Nicole sabia que entrariam em pânico quando ela explicasse mesmo uma fração do que tinha ocorrido durante a noite. Sua mente se agitava, ignorando a única possibilidade real até que excluísse todas as outras.

Nicole freou na placa de “Pare”. Em seguida, passou pelo cruzamento e pegou o celular. Ela precisava da irmã. Lívia era mais velha e mais inteligente. Racional de um jeito que Nicole não era. Se deixasse de lado o último período de suas vidas e a distância entre elas, Nicole sabia que podia confiar em Lívia. E, mesmo que não tivesse certeza disso, não havia outras opções.

Assim, grudou o celular na orelha e ouviu o toque, com lágrimas rolando pelo rosto. Era quase meia-noite. Nicole estava a um quarteirão da festa à beira do lago.

— Atenda, atenda, atenda... Por favor, Lívia!

# A fuga

*Duas semanas depois  
Floresta de Emerson Bay  
3 de setembro de 2016  
23h54*

---

**ELA TIROU O SACO DE ALGODÃO DA CABEÇA E RESPIROU** com dificuldade. Foi necessário um tempo para que sua visão se adaptasse, enquanto figuras sem forma dançavam diante de seus olhos e a escuridão desaparecia. Tentou captar a presença dele, mas tudo o que escutou foi o barulho da chuva do lado de fora.

Deixou cair no chão o saco e andou na ponta dos pés até a porta do bunker. Surpresa de vê-la entreaberta, pôs o rosto no espaço entre a porta e o batente, e olhou para a floresta escura enquanto a chuva caía torrencialmente sobre as árvores. Imaginou uma lente de câmera em seu globo ocular e, em seguida, o foco da câmera, num zoom reverso, capturando primeiro a porta, depois o bunker, depois as árvores e, por fim, uma visão de satélite de toda a floresta. Sentiu-se pequena e fraca com essa imagem mental de si mesma, sozinha num bunker escondido nas profundezas da floresta.

Seria aquilo um teste? Se saísse do bunker e adentrasse a floresta, havia a chance de encontrá-lo a sua espera. Mas se a porta aberta e o momento livre de seu grilhão fossem um descuido, seria o primeiro passo em falso dele e a única oportunidade existente nas últimas duas semanas. Era a primeira vez que não se via presa na parede.

Com as mãos trêmulas e ainda atadas na sua frente, abriu a porta. As dobradiças rangeram na noite antes que a chuva torrencial sufocasse seu lamento. Ela esperou um instante, contida pelo medo. Semicerrou os olhos e se forçou a raciocinar, procurando afastar o estupor provocado pelos

sedativos. As infundáveis horas imersa na escuridão no cativeiro voltaram e cintilaram em sua mente como uma tempestade elétrica. Assim como a promessa que fez a si mesma de que, se uma oportunidade de fuga surgisse, ela a agarraria. Dias antes, decidiu que preferia morrer lutando por sua liberdade a seguir como um cordeiro rumo ao matadouro.

Deu um passo hesitante para fora do bunker, sob a chuva grossa e pesada que correu gelada por seu rosto. Reservou um momento para se banhar no aguaceiro, deixando a água limpar as brumas de sua mente. Em seguida, correu.

A floresta estava escura, e a tempestade prosseguia. Com a fita adesiva prendendo seus pulsos, ela tentava se desviar dos galhos que chicoteavam o rosto. Tropeçou num tronco e caiu nas folhas escorregadias. De imediato, forçou-se a ficar de pé de novo. Tinha contado o tempo, e achou que ficara desaparecida por doze dias. Talvez treze. Que estivera presa num porão escuro, onde seu sequestrador a escondera e alimentara, quem sabe tivesse deixado passar um dia quando a fadiga a remeteu para um longo período de sono... Essa noite, ele lhe permitiu ir para a floresta. O pavor a subjugara ao ser atirada no porta-malas, e uma sensação de náusea lhe dissera que seu fim estava próximo. Porém, agora, a liberdade se achava diante dela, e, em algum lugar além daquela floresta, daquela chuva e daquela noite, talvez encontrasse o caminho para casa.

Correu às cegas, dando voltas que tiraram dela todo o senso de direção. Por fim, escutou o ruído de um caminhão pesado deslizando pelo asfalto molhado. Tomando fôlego, correu na direção do barulho e subiu um aterro que dava numa estrada de duas pistas. A distância, as luzes traseiras vermelhas do caminhão desapareciam rapidamente.

Ela tropeçou no meio da estrada e, sobre pernas bambas, perseguiu as luzes como se pudesse pegá-las. A chuva caía torrencialmente sobre seu rosto, emaranhando-lhe o cabelo e encharcando a roupa amarrotada. Descalça, ela prosseguiu numa marcha trôpega, provocada pelo corte profundo no pé direito — sofrido durante a caminhada frenética pela floresta — que deixava uma linha sinuosa de sangue em seu rastro e que a água da tempestade cuidava de apagar. Movida pelo pavor de que ele aparecesse da mata, ela avançava com a sensação de que ele estava perto,

pronto para pegá-la, enfiar o saco em sua cabeça e levá-la de volta para o cativoiro sem janelas.

Desidratada e alucinando, ela achou que sua visão lhe pregava peças quando viu uma fraca luz branca ao longe. Cambaleou em sua direção e, pouco depois, a luz se dividiu em duas e cresceu de tamanho. Ela permaneceu no meio da estrada e, então, ergueu as mãos atadas acima da cabeça e acenou.

Ao se aproximar, o carro desacelerou. O motorista acendeu o farol alto para iluminá-la ali de pé, com roupas molhadas e descalça, com arranhões cobrindo-lhe o rosto e sangue escorrendo pelo pescoço, tingindo de vermelho a camiseta.

O automóvel parou, com os limpadores de para-brisa jogando água para cada lado. A porta do motorista se abriu.

— Você está bem? — o homem gritou, para superar o barulho da tempestade.

— Preciso de ajuda. — Foram as primeiras palavras ditas por ela em dias, com a voz rouca e seca. A chuva tinha um gosto maravilhoso, ela finalmente reparou.

O homem se aproximou e a reconheceu.

— Meu Deus! Todo o estado está a sua procura! — ele exclamou, levando-a para o automóvel e acomodando-a com cuidado no assento dianteiro do passageiro.

— Vamos, por favor! — ela pediu. — Ele está vindo! Eu sei disso!

O homem correu para o outro lado do automóvel e o pôs em movimento antes mesmo de fechar a porta. Em seguida, ligou para a polícia indo em alta velocidade pela Rodovia 57.

— Onde está sua amiga? — o homem perguntou.

— Quem?! — Ela olhou para ele.

— Nicole Cutty. A outra garota que foi sequestrada.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM  
MAIO DE 2022